

A Perspectiva Contemporânea de Nomadismo na Trajetória de uma Professora Negra

The Contemporary Perspective of Nomadism in the Trajectory of a Black Teacher

La Perspectiva Contemporánea del Nomadismo en la Trayectoria de una Maestra Negra

Imara Queiroz Bispo¹

Célia Regina da Silva²

¹ Mestra em Ensino e Relações Étnicas – Raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8114349519066694>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2245-2959>. Email: imaraqueiroz@gmail.com. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Negritude, Gênero e Mídia - GEMINA.

² Doutora em Comunicação Social - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PÓSCOM) da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7461053789365248>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6329-5526>. Email: celregis@gmail.com. Coordenadora: Grupo de Estudos e Pesquisas em Negritude, Gênero e Mídia - GEMINA

RESUMO

Compreender o nomadismo numa perspectiva descolonizada é despertar novas percepções para a contemporaneidade. Entretanto, esta pesquisa tem como objetivo descrever a trajetória de nomadismo do/a narrador/a da presente pesquisa apropriando-se de um contexto familiar, social, étnico racial, educativo e profissional. O referencial teórico contemplou discussões acerca do nomadismo, das relações étnicas raciais, feminismo negro. Os procedimentos metodológicos adotados consistiram a partir de uma pesquisa autobiográfica ao qual foi escolhido como instrumento de pesquisa as narrativas e memórias da narradora. Os dados obtidos refletem a fundamentação teórica, onde percebeu-se a presença de questões relacionadas ao nomadismo, feminismo negro, e as relações étnicas. Com base nos resultados e discussões apresentadas, considera-se a importância de trazer o conceito de nomadismo para a contemporaneidade com o intuito dos sujeitos percebe-se nesse processo de movimentação/ deslocamentos e mudanças na sociedade como ato de libertação.

PALAVRAS-CHAVE

Nomadismo; Feminismo Negro; Relações Étnicas Raciais.

ABSTRACT

Understanding nomadism in a decolonized perspective is to awaken new perceptions for contemporaneity. However, this research aims to describe the trajectory of nomadism of the narrator of the present research, appropriating a family, social, ethnic, racial, educational and professional context. The theoretical framework included discussions about nomadism, racial ethnic relations, black feminism. The methodological procedures adopted consisted of an autobiographical research which was chosen as a research instrument the narratives and memories of the narrator. The data obtained reflect the theoretical foundation, where the presence of issues related to nomadism, black feminism, and ethnic relations was noticed. Based on the results and discussions presented, it is considered the importance of bringing the concept of nomadism to the contemporary world with the intention of the subjects being perceived in this process of movement/displacements and changes in society as an act of liberation.

KEY-WORDS

Nomadism; Black Feminism; Ethnic Racial Relations.

RESUMEN

Entender el nomadismo en una perspectiva descolonizada es despertar nuevas percepciones para la contemporaneidad. Sin embargo, esta investigación tiene como objetivo describir la trayectoria de nomadismo del narrador de la presente investigación, apropiándose de un contexto familiar, social, étnico, racial, educativo y profesional. El marco teórico incluyó discusiones sobre nomadismo, relaciones étnicas raciales, feminismo negro. Los procedimientos metodológicos adoptados consistieron en una investigación autobiográfica en la que se eligió como instrumento de investigación las narrativas y memorias del narrador. Los datos obtenidos reflejan la fundamentación teórica, donde se notó la presencia de cuestiones relacionadas con el nomadismo, el feminismo negro y las relaciones étnicas. Con base en los resultados y discusiones presentados, se considera la importancia de traer el concepto de nomadismo al mundo contemporáneo con la intención de que los sujetos sean percibidos en este proceso de movimiento/desplazamiento y cambios en la sociedad como un acto de liberación.

PALABRAS-CLAVE

Nomadismo; Feminismo Negro; Relaciones étnicas raciales.

Introdução

Apresentar a prática de nomadismo, é reconstruir conceitos que são vistos como algo que ficou no passado com povos primitivos. Entretanto, os sujeitos errantes buscam mudanças com variados objetivos, remetendo inicialmente ao conceito sobre os povos nômades da primitividade.

(De) colonizar esse conhecimento é trazer essa concepção de andanças e mudanças em vários sentidos na vida dos sujeitos. Os seres humanos têm a necessidade natural, ou pode-se dizer ancestral de desprende-se do comodismo e ir em busca de novos desafios para satisfazer suas necessidades pessoais, profissionais, físicas e psíquicas. Diante disso, questiona-se: será que o movimento nômade ficou no passado? Será que somos os primitivos da contemporaneidade como sujeitos errantes do nomadismo?

Nesse sentido, a pesquisa justifica-se pela necessidade de apropriar-se das narrativas e memórias da narradora diante do seu processo de transformação social, étnico racial e educativo levando à reflexão sobre o pensamento de nomadismo e sujeitos errantes que perpassou/perpassa a evolução humanística da narradora. "Traduzindo a errância que caracteriza a experiência do sujeito nômade, trata-se, aqui, de subjetividades que se atravessam umas às outras, num fluxo permanente, que reflete a relação que elas mantêm também com o espaço. " (DE ALMEIDA ROCHA, 2019 p.145).

Desta forma, a pesquisa é relevante para o país, o mundo, à sociedade, movimento negro, aos/as educadores/as em compreender que o nomadismo não ficou estático na primitividade da humanidade, todavia, é presente no campo da subjetividade, pragmático e palpável, capaz de produzir conhecimentos a partir dessa perspectiva.

E, quando o indivíduo sai de um espaço para o outro (da família para a escola, por exemplo), ou seja, quando ele vai ser moldado segundo outra função (criar filho torna-se aprender como aluno), a operação exercida sobre o corpo no espaço anterior deve servir como preparo para a nova função. (CARDOSO; REBELLO, 2012 p. 604)

De acordo com a citação do autor, percebe-se o movimento nômade no processo de transformação do sujeito para suprir as necessidades da sociedade ao qual pertence. Necessidade essas que é imposta por uma sociedade patriarcal, racista, sexista, etnocêntrica que proporciona à diversidade (o outro), processos excludentes sobre aspectos sociais, raciais, gênero, identitários, religiosos etc.

Então, a sociedade disciplinar se organiza de acordo com a contiguidade de vários espaços disciplinares, onde funções, embora diferentes entre si quanto a seu objetivo, se interconectam no sentido de que obedecem ao mesmo diagrama ou organização. (CARDOSO; REBELLO, 2012 p. 604)

Entretanto, esse processo disciplinar da subjetividade do pragmatismo é muito

mais antigo e atual do que possa se imaginar. No Brasil o processo de catequização dos índios é um dos exemplos do nomadismo existente. A vida dos povos africanos escravizados é um outro exemplo desse processo. O nomadismo nesse contexto, se deu em todas as perspectivas tanto territorial, territorialidade, intelectual desses sujeitos.

Nesse contexto a pesquisa é de cunho autobiográfico onde relata a experiência de nomadismo/errante da narradora numa perspectiva étnico racial e educacional.

A pesquisa autobiográfica - Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais - não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. Esta, é o componente essencial na característica do (a) narrado r (a) com que o pesquisador trabalha para poder (re) construir elementos de análise que possam auxiliá10 na compreensão de determinado objeto de estudo. (ABRAHÃO, 2003 p.80)

Entretanto, desde os primórdios até a contemporaneidade pensadores e pesquisadores utilizam-se de estudos a partir de seres humanos para construir teses e explicar de forma holística a construção social, biológica, comportamental dos sujeitos. A presente pesquisa não é diferente, ela possibilita ao sujeito, narrar suas próprias experiências errantes do campo étnico racial e educacional, apresentando a multiplicidade de facetas para alcançar anseios, desejados, perante a sociedade.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, trazendo com isso a reflexão e interpretação dos dados a partir da fundamentação teórica da pesquisa.

Admitem apenas tecerem-se generalidades sustentadas por articulações efetuadas sucessivamente com os sentidos do que está sendo expresso. São pesquisas que permitem compreender características do fenômeno investigado e que, ao assim procederem, oferecem oportunidade para possibilidades de compreensões possíveis quando a interrogação do fenômeno é dirigida a contextos diferentes daquele em que a investigação foi efetuada. (BICUDO, 2012 p.19)

Diante dessa contextualização, o objetivo geral da pesquisa é descrever a trajetória de nomadismo da narradora da presente pesquisa apropriando-se de um contexto familiar, social, étnico racial, educativo e profissional, utilizando e organizando intelectualmente as memórias da narradora. Por fim, espera-se que a pesquisa proporcione uma visão sobre nomadismo para além do que é ensinado de forma resumida e colonizada na educação básica e universidades e que os/as educadores/educadoras percebam essa relação dos sujeitos no processo de nomadismo.

Trata-se de uma pesquisa autobiográfica ou narrativa que aborda a experiência de nomadismo no campo étnico racial e educacional da pesquisadora. Diante disso, o referencial teórico e metodológico da pesquisa perpassou por revisão bibliográfica que destacam autores como: (CARDOSO; REBELLO, 2012), (ABRAHÃO, 2003), (ABRAHÃO, 2003), (LIBERATO, 2002), (DA SILVA SÁ, 2019). O loco da pesquisa transcende a memória da pesquisadora em cronologias de espaço e tempo.

NOMADISMO E AS RELAÇÕES ÉTNICAS RACIAIS

O nomadismo não é algo que ficou no passado com a ancestralidade. É um movimento que permeia a sociedade desde épocas mais primitivas, até os dias de hoje. “Mas a ideia de nomadismo e de errância desenvolvidas por Maffesoli se referem principalmente à não fixação numa profissão, numa identidade, numa família ou mesmo num sexo” (LIBERATO, 2002 p.227). Dentro das relações étnicas raciais, é definido a todo o tempo o nômade e o errante: povos da subalternidade que traz como protagonistas desse processo os afros descendentes e o índio.

O nomadismo e a errância se relacionam ainda com a pluralidade de valores e a pluralidade de papéis. Eles levam a um “politeísmo de valores”, e a multiplicidade de valores levaria por sua vez a uma errância estrutural, à variação permanente de papéis desempenhados pelo indivíduo. (LIBERATO, 2002 p.227)

Nesse contexto, compreende-se que o sujeito nas suas diversidades múltiplas de valores, pluralismo de ideias e papeis, são levados ao nomadismo e à errância. Entretanto, quando se trata de padrões de cultura etnocêntrica, imposta a uma sociedade que preserva o patriarcado, esses movimentos são presentes, profundos e muitas vezes traumáticos aos povos subalternos. Para a elite branca, esse movimento de nomadismo e errância ocorre de forma mais linear e tranquila por serem detentores do privilégio branco. Isso não quer dizer que a população branca não passa pelo processo de nomadismo. Todos os seres humanos passam por esse processo natural, porém, cada um com suas especificidades e dimensões.

Paradoxalmente ao tribalismo (outro arcaísmo retomado na pós-modernidade) com seu sentimento de pertencimento a partir do local, o nômade seria o não-ser, o oco, o vazio, o dinâmico. E é ele, o nômade, o não-ser, a ausência de estabilidade do ser, a ausência de substancialidade existencial, que se tornaria evidente na pós-modernidade. (LIBERATO, 2002 p.227)

Liberato, destaca as características dos sujeitos pertencentes a esse movimento. Partindo uma percepção descolonizada o não ser, o oco, o vazio, o dinâmico trata-se condicionalmente da população negra e indígena ao qual foi determinado pela cultura e educação eurocêntrica como sujeitos inferiores aos colonizadores. Essa concepção foi segregadora, opressora, ao ponto de impactar psicologicamente e fisicamente essa população, lançando-os aos genocídios e às margens da sociedade.

A nomadismo para a população negra e indígena, foi/é dinâmico e rotativo. Os sujeitos desse processo, tentam a todo o tempo buscar o seu “eu” na representação do colonizador, sejam nas características físicas e/ou comportamentais. Tudo isso, se dar pelo processo de colonização comportamental e intelectual, que está presente no imaginário e que permeia a sociedade brasileira a cinco séculos. “Embora em relação ao instituído a errância signifique uma imperfeição, é ela que permitiria ao mesmo tempo se ter a intuição da perfeição” (LIBERATO, 2002 p.230).

A pós modernidade, apresenta a impossibilidade na população subalternizada a realizar-se pessoalmente e profissionalmente. Na profissão, o nomadismo é mais frequente do que se imagina, ela se dá na perspectiva da luta pela sobrevivência, do que, pela autorealização de ser.

O sistema instável de território é baliza do movimento contínuo nômade, bem como dos atores sociais, culturais e subalternizados destacados neste trabalho, e será também, em apologia às suas errâncias, a metodologia que visa enaltecer suas histórias e denunciar as violências que os acometem e que são instituídas pelo projeto de criação de esquecimento dessas mesmas histórias. (RODRIGUES, 2019 p.244)

Desta forma, a Cultura Popular tipicamente oriunda dos povos subalternizados errantes, perseguida ao longo da história pelos dominantes resistiu/resiste ao longo dos tempos fortalecendo o nomadismo e transformando a sociedade. Para além da cultura popular, na contemporaneidade os diálogos do Movimento Negro, os discursos de fortalecimento da raça/etnia, destacam-se os errantes do Movimento Negro atuante na transformação da (re) existência da população negra.

Diante desse contexto de trajetórias errantes, recupera-se a figura do flâneur, celebrado como uma representação simbólica da metrópole moderna, cuja significação consagrou-se desde Walter Benjamin, no início do século passado. O filósofo alemão fez o uso do termo pretendendo ocupar-se dessa figura como a de um indivíduo que adquire experiência por circular em um determinado território. (DA SILVA SÁ, 2019 p.49,50)

Neste contexto, percebe-se uma definição clara para o conceito de errante, que perpassa pelo deslocamento em determinado território em que os sujeitos estão inseridos. Desta forma, entende-se que todos os sujeitos passam por esse processo de nomadise.

A população Indígena e Afro-brasileira no seu processo histórico, transita por caminhos de desconstruções identitárias por imposições do colonizador. Muitas etnias, foram suprimidas de seus territórios e conseqüentemente extinguindo toda uma história, cultura, saberes, fazeres etc.

O sujeito errante - indígena dentro desse processo precisou-se modifica-se diante do opressor para continuar suas lutas e resistir e sobreviver do genocídio que acarretou o território brasileiro. Nesse sentido, a identidade a cultura e os direitos desses povos foram/são violadas, desde a invasão dos colonizadores até os dias de hoje. Os colonizadores portugueses chegaram no "novo mundo" dando uma nova identidade coletiva aos povos. " Com o descobrimento da América e da África, os povos autóctonos recém descobertos receberam as identidades coletivas de "índios" e "negros". (MUNANGA, 2005 p. 06)

O Processo de nomadise perpassou sobre resistência e a conservação de algumas culturas étnicas Africanas e Indígenas. O que existe hoje, relacionado sobre a cultura, a religião, a língua a identidade desses povos, foi o resultado da força que

os povos tiveram de preservar e ensinar para os seus descendentes a cultura e a identidade. A população negra ultrapassou os limites da resistência, pois o colonizador os proibiam de praticar e propagar os seus costumes e sua a cultura. O que existe no Brasil como o samba, música, artes visuais, religiões de matriz Africana é o resultado da luta e da resistência a favor da preservação da cultura e identidade. Entretanto, para existir toda essa gama de cultura Indígena e Africana, houve ensinamentos entre os seus. Falar de etnias indígena e Africana é falar de identidade de resistência de uma população que luta até os dias de hoje para resistir a opressão do etnocêncismo.

Por isso, no processo de construção da identidade coletiva negra, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em “nosso” imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial. (MUNANGA, 2012 p.10)

Nesse processo histórico, a educação brasileira teve grande impacto na reconstrução social do “novo mundo” hoje chamado de Brasil. Como princípio propositivo, os índios foram obrigados a aprenderem a língua portuguesa ensinada pelos Padres Jesuítas com o objetivo do domínio territorial através dos portugueses. Diferentemente da população negra, esses, somente teve direito à educação hegemônica dita como formal, séculos depois da colonização.

Diante de toda a trajetória que perpassou a educação brasileira, destaca-se os sujeitos errantes desse processo. A medida em que essas mudanças aconteciam, obviamente o deslocamento dos sujeitos nesse processo transformavam-se. A educação é constituída por sujeitos que dependem da orientação escolar para superarem inicialmente o analfabetismo e alcançar objetivos que os direcionam para o campo intelectual e profissional.

O nomadismo, é evidente na história da educação brasileira, pois enfrentou/enfrenta, altos e baixos, avanços/retrocessos que mexe com a vida dos sujeitos errantes.

Perspectiva Contemporânea de Nomandisse de uma Professora Negra

Não há como associar minhas vivências e memórias de mulher preta ao processo colonizador com a qual a etnia Africana passou/passa ao longo dos séculos. Na infância e adolescência, já enfrentava o racismo na escola, na família, no meio social, e tinha que lhe dar com tudo isso de forma naturalizada. “Tal legado refere-se ao fato de que, ao nascer, essas mulheres já encontram uma realidade preexistente, que é contínua, estrutural e histórica, condições estas que têm determinado os objetos de resistência das mulheres negras” (DOS SANTOS, 2007 p.14)

Cheias de sonhos, sonhava em ser atriz, advogada. Ao completar os 18 anos

percebi que os sonhos não seriam tão fáceis de realizá-los. Comecei a trabalhar de garçom no primeiro Resort inaugurado da minha cidade. Lá, comecei a perceber que pessoas negras igualmente a mim trabalhavam ou de garçom, ou camareira, ou na cozinha. Na recepção e na administração do hotel eram compostas por sujeitos/as brancos/as vindas de outros estados brasileiros. Comecei a compreender que a jornada iria ser difícil para os sonhos que imaginava. O racismo na empresa era muito presente. Éramos chacotas dos próprios colegas de trabalho, pelo fato do uniforme de trabalho remeter ao tempo da escravidão: conjunto de calças e blusa brancas confeccionados com saco de açúcar. O acessório do uniforme era composto por uma fita de textura cubista com as cores vinho e branco que tinha que transpassar na cintura e na cabeça em formato de turbante. Não permaneci muito tempo na empresa, pelas questões relacionadas aos tratamentos de opressão, racismo, assédio que era me proporcionado. Depois desse, trabalhei em outros resorts, pousadas, ficando um tempo maior, porém, tendo que aceitar o racismo estrutural, institucional, recreativo, para garantir o emprego e o salário no final do mês.

Desse modo, o desafio das mulheres negras tem sido romper com o silêncio e confrontar tais representações negativas não apenas na sociedade como um todo, mas também dentro das comunidades negras e entre as próprias mulheres que, em muitos casos, em contradições com sua situação de repressão, acabam por internalizar e auto-identificar-se com tais imagens estereotipadas. (DOS SANTOS, 2007 p.16)

Inerente e ancestral, o silêncio não mais fazia parte da minha prática para me estabelecer nas empresas. Trabalhei em uma pousada que tinha duas recepcionistas, uma era eu, a outra era uma sulista branca de Santa Catarina. A carteira de trabalho das duas era assinada como recepcionista, porém os moldes de trabalho eram diferentes uma da outra. As minhas obrigações diárias ultrapassavam as funções de recepcionista, enquanto a outra limitava-se somente ao setor da recepção. Trabalhei por quase um ano sem compreender porque exigiam mais de mim e menos da sulista. A gota d'água foi quando descobri que o meu salário era bem menor do que da recepcionista, sulista branca. Enfrentei o racismo com toda força e coragem. Entreguei por imediato a minha carteira de trabalho para o opressor da baixa imediatamente e explicitamente para os proprietários que aquela situação era racismo e que eles estavam sendo racistas durante todo o tempo que permaneci na empresa e que o ato que eles estavam cometendo comigo acabava naquele exato momento. Foi libertador! O rompimento com o silêncio – que era uma forma de luta pela sobrevivência no mundo capitalista e racista, me fez compreender que não podia mais aceitar comportamentos e atitudes racistas de nenhuma pessoa ou empresa.

Aos vinte e quatro anos, investi no meu primeiro curso superior de Administração de Pequenas e Médias Empresas. Achei que, as melhores oportunidades de emprego nos setores administrativos viriam mais fáceis. Salvo engano! O que definia os melhores salários nos setores privilegiados era simplesmente a cor da pele. Nesse percurso, trabalhei por pouco mais de dez anos no ramo do turismo e hotelaria ganhando o salário mínimo.

Diante de todas as circunstâncias, acredito que tive inspirações ancestrais que me levaram a pensar em voltar a estudar – fazer uma faculdade, na área da educação. Assim foi feito! Enquanto trabalhava em uma pousada, ingressei numa Universidade Pública no curso de Licenciatura em Letras e tracei a seguinte meta: trabalharei nesta pousada até concluir os meus estudos, depois de concluído não serei mais objeto de exploração e desvalorização para nenhum empresário/a desta cidade. A meta foi alcançada e quatro anos depois de ingressar na faculdade me formei em Letras e logo tive a minha primeira oportunidade de emprego na área da educação.

Nesse setor, me sentir mais valorizada e realizada em está colaborando com o aprendizado de alunos/as de escola pública. Com isso, percebi que a minhas práxis era relevante para a sociedade subalterna ao sistema. Me identifiquei de imediato com a profissão de professora da educação básica de escola pública. Percebi que, nas minhas trajetórias e vivências a educação sempre esteve presente na minha vida iniciando com minha mãe formada em magistério e atuando como professora de educação infantil. Logo, me questionei: Por que não trabalhei nesse setor antes? Por que não me descobri enquanto professora? Me sentia alegre, energizada, trazia o conceito e o processo de racismo para as minhas aulas com o objetivo de despertar nos alunos a importância da educação para a vida com desafios e superações.

Meus novos sonhos começavam a florir novamente e perpassavam pelo mundo da educação. Faltando poucos meses para concluir a faculdade de Letras fiz uma seleção com a nota do Enem para ingressar no curso de Licenciatura em Artes Visuais em outra Universidade Pública, pois pensava que precisava aprender e conhecer ainda mais sobre o mundo da educação formal. Estudei por mais quatro anos consecutivos e posso afirmar que foi a melhor coisa que fiz em dar continuidade aos meus estudos, pois foi nesta universidade, que aprofundi todos os meus conhecimentos que tenho sobre educação. Com essa riqueza de conhecimentos poucos meses antes de concluir o curso de Artes Visuais, prestei concurso para determinado município e passei em segundo lugar para professora de Artes. A felicidade não cabia em mim, pois com essa conquista realizava o sonho do emprego estável e a certeza que nunca mais iria ser oprimida, humilhada, discriminada no setor privado de hotelaria e turismo.

Nesse caminhar fiz cursos de especializações Lato Senso na área da Educação com o intuito de adquirir ainda mais conhecimento: Especialização em Mídias na Educação, Especialização em Artes Visuais, quarta graduação em pedagogia (em um tempo mais curto com aproveitamento de matérias) e outros cursos de extensão, congressos, oficinas, ou seja, tudo que envolvia a educação eu me fazia/faço presente.

Assim que me formei na minha segunda licenciatura em Artes Visuais, prestei seleção para o mestrado em uma Universidade Federal e logo de primeira fui aprovada. A felicidade não cabia em mim, pois essas vitórias eliminavam no meu imaginário aquilo que a sociedade racista implantou em me fazer acreditar que “eu não podia” que “não iria conseguir” ora em palavras, ora em atitudes. Para se ter uma ideia, logo que passei no mestrado fui questionada no meu meio social como consegui entrar, o tom da pergunta dava a entender, por quais meios de corrupção havia conseguido entrar, explicitando determinada incapacidade de passar no *Stricto Senso*.

Daí a necessidade e importância de ensinar a história da África e a história do negro no Brasil a partir de novas abordagens e posturas epistemológicas, rompendo com a visão depreciativa do negro, para que se possam oferecer subsídios para a construção de uma verdadeira identidade negra [...] (MUNANGA, 2012 p.10)

A imagem negativa do negro perdura à contemporaneidade. A perversidade do colonizador foi arquitetada de modo tão profundo que foi capaz de incutir no imaginário da sociedade toda a negatividade, inferioridade e incapacidade aos povos.

Nesse sentido, percebe-se que até mesmo na Educação o racismo estrutural, institucional, recreativo faz parte não somente da minha trajetória, mas também dos alunos/as que buscam a educação. A única diferença, é que diante do nomadismo que me faz caminhar no mundo da educação, me fez ser forte, determinada, preparada intelectualmente e psicologicamente para enfrentar e lutar contra a cultura do racismo, e com isso, proporcionar para os alunos/as uma educação antirracista.

Com o despertar do conhecimento sobre as relações étnicas raciais percebo-me com uma nova identidade de mulher negra feminista latino-americana, pois nesta percepção consegui enxergar quantas barreiras relacionadas o racismo tive que enfrentar para conquistar o espaço que me estabeleço hoje.

A exposição da mulher negra a simultâneas formas de opressão – especialmente racismo, sexismo, classicismo e heterossexismo – que atuam concomitantemente e inter-relacionadamente, leva-nos a apontar para a centralidade da experiência de opressão destas mulheres enquanto o primeiro elemento comum que marca e orienta a tradição intelectual e política das feministas afrodescendentes. (DOS SANTOS, 2007 p.13)

Toda essa gama de conflitos étnicos, de vivências no mundo contemporâneo, me tornou um sujeito nômade que transita o mundo da educação em busca de conhecer e praticar a educação, seja no campo profissional ou intelectual.

O mestrado fortaleceu e organizou a minha percepção que tinha sobre identidade, etnicidade, raça, racismo e me fez/faz compreender todos esses conflitos raciais presentes na minha vida enquanto, criança, adolescente e mulher negra.

Ainda em busca de conhecimento e proporcionar tudo que adquiri através dos estudos, transito no campo de formação de professores com temáticas relacionada a estrutura e funcionamento da educação e da Educação e as Relações Étnicas Raciais. Ministro Palestras, ministro oficinas para professores quando sou convidada, e quando não me convidam, me ofereço, pois acredito no poder de uma educação descolonizada e o fortalecimento da educação através desses diálogos.

Posso afirmar que, a minha vocação sempre foi para o mundo da educação mesmo descobrindo um pouco tarde, porém, quando descoberto a certeza que seria o lugar que me completaria enquanto sujeito e profissional.

Os sonhos não findaram por aqui, continuarei escrevendo história enquanto sujeito errante de uma sociedade que ainda impera com o eurocentrismo nas suas

variadas formas de classificar seres superiores de seres inferiores. A educação é meu instrumento de luta contra as desigualdades, o racismo ou quaisquer formas de opressão, preconceito e discriminação.

Considerações Finais

A materialização da pesquisa, possibilitou um olhar para um movimento autobiográfico, identificando o nomadismo numa perspectiva étnico racial e fazendo compreender o sujeito errante como aquele que se desloca em busca de mudanças significativas de vida. Foi/é necessário fazer essa reflexão da minha trajetória enquanto mulher negra refletindo no setor pessoal, por entender que ser mulher negra numa sociedade brasileira que nega a todo o tempo o racismo, não é tarefa fácil. A autobiografia, oportunizou-me a denunciar o racismo e a suas variadas faces.

Esse processo errante, acontece na vida e de todos os sujeitos, mas compreendo que na vida na mulher e do homem preto/a acontece de formas dramáticas pelo processo histórico da colonização, escravização que estar enraizada no imaginário da sociedade. A luta dos afrodescendentes é diária, possibilitando a errância desses sujeitos em busca de mudanças e oportunidades.

Minha autobiografia, revela a importância da educação como instrumento de luta contra opressão e racismo. Eu já tinha, desde criança, um grau de pertencimento identitário muito forte e inerente para as questões raciais. Com os estudos no Mestrado em Ensino e Relações Étnicos Raciais, aprofundi meu conhecimento sobre essas questões e me auto identifiquei nesse movimento acadêmico que me fez entender todo o processo histórico, etnocêntrico, colonialista, escravista que perpassou a minha trajetória.

Entretanto, essa pesquisa é símbolo de luta, resistência, e ato político. A sociedade através desta e de tantas outras pesquisas precisa compreender todo contexto histórico que faz predominar o racismo, a intolerância religiosa, sexismo, heterossexismo que se faz predominante na sociedade atual. A luta contra essas questões precisa ser constante no conceito de nomadismo e sujeito errante.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa em educação matemática: a prevalência da abordagem qualitativa. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 5, n. 2, 2012.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã** – da Colônia à Era Vargas. 2.ed. rev., ampl. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1986.

CARDOSO, Júnior, REBELLO, Hélio. Por que ainda é importante pensar como um nômade em nosso tempo. *Educação e Filosofia*, v. 26, n. 52, p. 599-612, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/127027>>.

DA SILVA SÁ, Janaína. NOMADISMO, DESLOCAMENTOS E TRAJETÓRIAS ERRANTES: IDENTIDADES EM JOGO NA NARRATIVA DE CAROLINA MARIA DE JESUS. **Caderno Seminal**, v. 32, n. 32, 2019.

DE ALMEIDA ROCHA, Wesley Thales. TRANSPASSAGENS: NOMADISMO, SUBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE EM FLORES ARTIFICIAIS, DE LUIZ RUFFATO. **Revista Araticum**, v. 20, n. 2, p. 140-156, 2019.

DOS SANTOS, Sonia Beatriz. Feminismo negro diaspórico. **Revista Gênero**, v. 8, n. 1, 2007.

LIBERATO, Leo Vinicius Maia. Nomadismo pós-moderno. **Política & Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 225-234, 2002.

MUNANGA, Kabengele. Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania. **Palestra proferida**, n. 1º, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012.

RODRIGUES, Hanna Cláudia Freitas; DE JESUS PINHEIRO, Jonas. A necropolítica neoliberal de encontro ao nomadismo: uma corpografia dos povos errantes na Bahia, no contexto do bolsonarismo no Brasil. **Revista Extraprensa**, v. 13, n. 1, p. 241-261, 2019.

Submissão: 29/05/2022

Aprovação: 05/07/2022